

08/11/2000



**Consulado Geral do Japão em Manaus**  
Departamento de Divulgação Cultural

**SEMANA CULTURAL JAPONESA 2000**

**História da Imigração Japonesa  
na Amazônia**

**Palestrante: Prof. José Camilo Ramos de Souza**  
08 de novembro de 2000

## Vila Amazônia: o horizonte esquecido.

### INTRODUÇÃO

A partir da política de povoamento do governo brasileiro, surge na Amazônia, em 1930, um núcleo de colonização nipônica, que procurava dar estrutura ao possível assentamento de famílias oriundas do Japão.

No primeiro momento, vieram apenas estudantes de agronomia da Escola Superior de Emigração ( Japão ) transformando Vila Amazônia ( comunidade próxima à cidade de Parintins - 369 km de Manaus), local de assentamento, em um núcleo agrícola, onde o conhecimento técnico e cultural dos nipônicos, traduziu-se na construção de uma infraestrutura composta de prédios como armazéns, "HAKKO KAIKAN" ( Templo ou Centro Cultural), ostentando o brasão de arma do Imperador Hiroito, expressão de poder e domínio, ou seja, a posse do território que lhes foi concedido.

Para o governo do Amazonas significava novas técnicas de cultivo e introdução de novos produtos agrícolas porque estes tinham, na região de São Paulo, contribuído significativamente para o avanço agrícola.

### CONCESSÃO DE TERRAS AOS NIPÔNICOS

Com o crash da bolsa de Nova York, a economia japonesa é afetada, então para manter o equilíbrio econômico os zaibatsus<sup>1</sup> incorporaram as pequenas empresas familiares (embrionárias das grandes empresas atuais). Além desse problema e com a carência de matéria prima e de solos agricultáveis, tendo em vista as limitações territoriais e também de espaço propício ao desenvolvimento industrial somando-se a isso a explosão demográfica<sup>2</sup>, fez com que o Japão ansiasse por espaço que satisfizesse as novas condições apresentadas. Desse modo fizesse necessário buscar soluções, evidentemente, fora dos limites territoriais japoneses.

A política brasileira de aceitação de imigrantes como mão-de-obra (Sul-Sudeste) e preenchimento dos vazios demográficos ( Norte ) vinha ao encontro das necessidades expansionistas do Japão.

Assim sendo, a colonização em Vila Amazônia tem início com a concessão de um milhão de hectares de terra pelo governo amazonense ao senhor YAMANISHI, grande empresário japonês, durante a visita do embaixador HICHITA TATSUKE, por mostrar-se interessado na vinda de famílias japonesas para o Estado.

A área para a colonização, ficou para ser definida pelos concessionários, que decidem-se por terras situadas às margens dos rios e paranás navegáveis - o rio Amazonas, Paraná do Ramos, rio Maués até o rio Madeira, firmado no contrato de opções, assinado em 11 de março de 1927.

" Art. 1º. Fica o Poder Executivo autorizado a solicitar do Senado Federal a providência exigida pelo art. 130 da Constituição da República, de 16 de junho de 1934, para efetividade da concessão de terras feita no contrato de opção, assignado em 11 de março de 1927, entre o Estado e os Srs. Gensaburo Yamanishi e Kiroku Awazu, e por estes transferidos a Tsukasa Uyesuka, cujas zonas foram delimitadas pelos

concessionários e aprovados pelo Estado, por despacho do Sr. Interventor Federal, de 21 de novembro de 1930".<sup>3</sup>

## A COLONIZAÇÃO

Em 1930, vinte técnicos vindos de São Paulo, juntamente com Tukasa Uyetsuka (Deputado Federal em Tóquio), responsável pela implantação da colônia nipônica, aporta em Vila Batista ( antigo nome de Vila Amazônia ). Estavam encarregados de pesquisar a melhor forma de iniciar a colonização e que técnica agrícola se adaptaria à região, e também escolher a área de assentamento, no sentido de implantar o núcleo de expansão. Parte do grupo ficou para tratar da construção da nova cidade e do Instituto Amazônia. Este era dividido nos seguintes departamentos: agricultura, meteorologia, saúde e de estudo e pesquisa. Foram implementadas obras básicas como abertura de estradas, construção de casas para funcionários, casas de comércio, hospital e porto.

A confluência do rio Amazonas com o Paraná do Ramos foi a escolha estratégica tanto sob o ponto de vista do escoamento quanto da presença de vastas áreas de terrenos aluvionais propícios para a jicultura, uma vez que o mercado para a indústria têxtil era promissor, dada a posição do Brasil como produtor de café para o mercado mundial, e do Japão com seus produtos têxteis.

Frente às perspectivas que se vislumbravam para o Instituto Amazônico, não tardou a pretensão, pela posse em definitivo das terras da gleba Vila Amazônia, local do assentamento, logo as preocupações de Tukasa com as diferenças culturais tinham agora um outro lado, porque ao retornar ao Japão, em 1930, preocupava-se com a diferença de cultura. Por isso, na terra do sol nascente, transforma a Escola Superior de Artes Marciais, a KOKUSHIKAN BUDOSEMAN GAKKO, em Escola Superior de Emigração, onde os alunos selecionados teriam que fazer testes com pré-requisitos do curso colegial. Em Vila Amazônia estruturam a cidade para receberem as famílias que viriam em definitivo.

A colonização japonesa e a intenção de fundar um núcleo duradouro chama a atenção para a provável ameaça dos japoneses.

Culturas diferentes, apesar do acesso franco, é inegável que as fortes tradições do Japão se faziam sobressair ( até as uniões conjugais eram rigorosamente efetuadas entre nipônicos. Quem ousava quebrar a regra era banido socialmente). Dessa forma, viu-se esta colonização sob ótica do ameaçador, afinal configurava-se, queiramos ou não, os primeiros indícios da consolidação de uma futura territorialidade dentro das nossas fronteiras. Um território ambíguo na sua gênese: acessível, porém com regras rigorosas, onde se preservava a todo custo as tradições do longínquo Japão, que tinham abandonado.

Desse modo, nota-se a diferença entre a migração japonesa no Amazonas e a de São Paulo. A primeira se dá de forma planejada, tendo os imigrantes graduação superior em agricultura, vindo para a Vila Amazônia ( Localidade próxima a cidade de Parintins-369 km de Manaus) somente homens solteiros, num total de aproximadamente 250. Apenas em 1933 chegam seis famílias, para trabalharem na organização do espaço afim de receber novas famílias que mais tarde se deslocariam do Japão para o Amazonas. Já em São Paulo, os imigrantes iam trabalhar como colonos na lavoura do café, os quais tinham

suas passagens subsidiadas pelo governo paulista, que exigia a vinda de pessoas aptas ao trabalho, além de virem em família, o que facilitava a adaptação dos mesmos.

Ha diferença, também, da emigração para o Peru, Estados Unidos da América, uma vez que para esses países se dava de forma temporária ( apenas rapazes solteiros), ou seja, iam apenas para ganhar dinheiro e retornar ao seu país de origem, pois não tinham tradição emigrantista. No caso do Amazonas, apesar de serem solteiros, a pretensão era permanecerem para sempre na região, e há de considerar o interesse do governo amazonense em fazer expandir a agricultura no Estado com os imigrantes japoneses, mesmo porque os nipônicos tinham contribuído para o desenvolvimento da agricultura em São Paulo.

A situação na Amazônia, propriamente no Estado do Amazonas, apresentava-se diferente: com a ascensão da borracha, toda a agricultura do Estado foi afetada, pois os agricultores tinham se tornado "soldados da borracha", e após o seu declínio, a farinha atingia altos valores porque o campo estava abandonado e o Estado passava por uma estagnação econômica, os japoneses apresentavam-se como uma solução para o problema agrícola existente.

Keinji Kawakami comenta sobre os ensinamentos do Sr. Uyetsuka, o qual dizia que "os Kotakusei"<sup>4</sup> seriam a base fundamental para os colonos em geral contrariando as idéias dos imigrantes mais antigos. Os Kotakusei vieram ao Brasil no intuito de se fixarem para sempre na Amazônia, para isso faziam no Japão um juramento de permanecerem no Brasil, propriamente Amazônia. Os primeiros colonizadores tiveram que formar uma empresa de colonização para enfrentar a floresta virgem e selvagem numa região tropical, nunca pisada pelo homem estrangeiro e além do mais, uma região estranha com clima muito diferente do Japão. Enfrentando dificuldades, sofrimentos, doenças como a malária e o isolamento do mundo "civilizado". Conseguiram ultrapassar esse caminho tão desolador e abriram um novo horizonte para os novos imigrantes que vinham à Amazônia, ensinando, orientando em novos métodos e em novas culturas agrícolas como a juta.

Neste comentário, Kawakami retrata a difícil situação que enfrentavam na organização do espaço por eles modificado, a vontade de fixarem-se na Amazônia e criarem uma infra-estrutura para receber novos imigrantes. Refere-se também à formação de uma empresa que, no primeiro momento, foi fundada como Instituto, no qual investiram quinhentos ienes, com o objetivo de desenvolver pesquisa. Somente em 1936 passa a ser empresa, na qual foram investidos hum milhão de ienes, financiada pela MITSHUI e MITSUBISHI. Esta transformação deu-se por causa da crescente produção agrícola nas colônias.

## **DECLÍNIO DO GRANDE PROJETO**

Apesar dos inúmeros problemas de ordem climática e de doenças tropicais, surge o político na pessoa do então senador Cunha Melo que se posicionou, em seu discurso de 1936, contra a concessão de terras aos japoneses: "autônomos em todos os negócios em que lhe foram peculiares, jamais os Estados exercitaram as suas franquias constitucionais decorrentes dessa autonomia de maneira mais prejudicial a eles próprios e impatriótica para o país como fizeram nesse capítulo de concessões de terras públicas".

Apesar de todos esses problemas, naturais e políticos, as suas colônias apresentavam bons resultados. A do Andirá essencialmente Ilha Formosa (Paraná do Ramos), iniciou a produção de juta e a do rio Uaicurapá, no Marauarú e Itaracoera, plantavam melancia, arroz, castanha do Pará e guaraná, de maneira consorciada. Na comunidade de Vila Amazônia, plantavam arroz, a título experimental castanha do Pará ( sementes vindas de Parintins e Manaus), guaraná (de Maués), seringueira (do Madeira) e pimenta-do-reino, cujas sementes vieram de Tomé-Açu, no Estado do Pará.

Todo esse processo de organização e o crescimento da agricultura é a possível organização do território tão questionado pelos nacionalistas brasileiros. Apesar de apresentarem-se amistosos, produzindo, diversificando a agricultura, na região, recaía sobre eles a ação imperialista desfechada contra a China e Manchuria.

Mesmo que tentassem pela política da diplomacia, não eram bem aceitos pelos nacionalistas e Cunha Melo tentava anular a concessão de terras feita aos nipônicos no Amazonas. Resultado da não aceitação da colônia japonesa, que estava em ascensão no período da Segunda Guerra: começaram a sofrer certas pressões, o que resultou na prisão dos mesmos, sendo levados para Tomé-Açu no Estado do Pará ( campo de concentração), ficando Vila Amazônia como espólio de guerra, sendo desapropriada a Companhia Industrial Amazonense S / A .

Em vista da retirada dos nipônicos, Vila Amazônia foi entregue à administração de vários comendadores, os quais retiram o gado, barcos, equipamentos, ou seja, dão início aos primeiros atos de depredação de Vila Amazônia.

## CONCLUSÃO

A ocupação/colonização de Vila Amazônia pelos japoneses fica evidenciada a criação de uma nova territorialidade dentro da fronteira brasileira.

Possivelmente uma estratégia consciente de ação e controle sobre a área geográfica e os diretores do Instituto Amazônia por ostentarem patentes militares fez despertar nos nacionalistas o medo da criação de um núcleo expansionista do Japão. Para o historiador amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis “se ocorresse realmente seria uma consequência da política de desprezo a que a nação [ brasileira] relegara à região”.

Poderia haver interesse pelo território ocupado se estivesse nos planos seu futuro abandono?

O projeto de trazerem cinco mil famílias para a Amazônia e os juramentos feitos pelos KOTAKUSEI de nunca mais retornarem ao Japão foram definitivos para as represálias a que ficaram sujeitos. Assim sendo, foram presos e confinados no rio Aracá, no Pará. Isto tudo obedecia a uma estratégia de guerra, já que a Vila Amazônia se encontra num ponto privilegiado no acesso à região.

Hoje, Vila Amazônia, guarda nos lugares ( do hospital, do templo, das casas, dos armazéns, do porto) a marca da colonização japonesa, e na memória dos parintinenses mais velhos um pólo importante para o desenvolvimento do município de Parintins.

## NOTAS

Parintins fica localizada a 369 km em linha reta e 420 km via fluvial de Manaus, capital do Amazonas, na fronteira com o Estado do Pará.

1. ZAIBATSUS - eram grandes grupos empresariais que procuravam auxiliar as pequenas empresas que não fossem totalmente esmagadas pela crise econômica mundial de 1927.
2. Há de se considerar ainda a tradição cultural japonesa, que contemplava somente o filho mais velho com a herança da terra. Com a saída para novos territórios aliviaria a pressão demográfica interna.
3. Ato do governo do Sr. Efigênio Salles. A concessão de Terras Amazonenses a japoneses.
4. KOTAKUSEI - estudantes da Escola Superior de Emigração japonesa que vinham para a Vila Amazônia no município de Parintins, Estado do Amazonas.

## BIBLIOGRAFIAS

- COSTA, Rogério Haesbaert. Da. Blocos internacionais do poder. São Paulo. Contexto, 1990.
- NODA, Sandra do Nascimento. As relações de trabalho na produção amazonense de juta e malva. Piracicaba/SP, 1985 (dissertação de mestrado).
- REIS, Arthur Cesar Ferreira. A Amazônia e a cobiça internacional. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 5ª edição. Manaus. Superintendência da Zona Franca de Manaus, 1982.
- SAITO, Hiroshi (org.) A presença japonesa no Brasil. São Paulo/T. A. Queiroz, 1980.
- TAKESHI, Hiromatsu. O desenvolvimento econômico do Japão. International Society for Educational Information, Inc. Japão.
- A concessão de terras amazonense a japoneses. Ato do governo snr. Efigênio Salles, Rio de Janeiro. Ed. Coelho Branco F., 1937.89.

# IMIGRAÇÃO

## 70 ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

### COMEMORAÇÕES

Em 6 de novembro será realizada em Manaus (AM) a solenidade de abertura oficial das comemorações dos 70 anos de imigração japonesa na Amazônia Ocidental - Amazonas, Rondônia, Roraima e Acre. A cerimônia contará com a presença de alguns membros da delegação japonesa. O 70º aniversário também será lembrado em vários eventos, todos em Manaus, sendo os principais:

- **SEMANA CULTURAL JAPONESA**  
15/10 a 21/10  
Inclui o festival de filmes, o curso de culinária japonesa e o seminários dos imigrantes japoneses
- **5º CONCURSO NACIONAL DE ORATÓRIA DE LÍNGUA JAPONESA**  
06/11
- **APRESENTAÇÃO DO GRUPO DE DANÇA TRADICIONAL JAPONESA E DO CANTOR YASUNORI SUGAHARA**  
07/11

### AMAZÔNIA FASCINA OS JAPONESES

A natureza exuberante: eis a razão pela qual, desde os fins do século passado, os japoneses se viram atraídos pela Amazônia. Para um povo que desde sempre amou as águas que lhe garantiram o sustento, venerou as plantas que viu como um objeto de arte e percebeu a pedra com a sensibilidade de um poeta, a grandiosidade dos rios e das florestas amazônicas tinha mesmo de provocar fascínio e emoção. Afinal, índios e caboclos amazonenses ostentam traços orientais em sua feições. Festas populares do dois povos guardam estranhas semelhanças; no período do Quarup, índios xavantes ensaiam um sumô brasileiro no centro de suas tabas.

### PRIMEIROS JAPONESES NA AMAZÔNIA

Os primeiros japoneses - 50 pessoas de 7 famílias - chegaram ao redor de Manaus em 1929. Vieram cultivar o guaraná e instalar a Empresa Industrial da Amazônia, encontrando uma realidade difícil, marcada pela epidemia da malária, a decadência da borracha e da prosperidade local. O pioneiro Kosaku Oishi, técnico da Kanebo Indústrias Têxteis conseguiu receber do governador da Amazônia, sem ônus, terras em Maués.

Em 1930, por iniciativa do ex-deputado japonês Tsukasa Uetsuka, foi instalada a Escola Superior de Colonização do Japão e o Instituto de Pesquisa da Amazônia, em Vila Batista, no Amazonas. Inicialmente, vieram 123 japoneses, mas até a sétima turma da escola, chegaram mais 401 pessoas para se instalar na colônia de Parintins. Foi um dos estudantes do Instituto de Pesquisa da Amazônia, Ryota Oyama, que conseguiu um punhado de sementes da nova espécie de juta, que contribuiu muito para a economia brasileira da época.

### AS COLÔNIAS

Quando os japoneses chegaram na colônia de Bela Vista, não havia estrada, luz elétrica nem água encanada. Era uma clareira no meio da mata fechada.

Hoje, 22 famílias já têm luz e cultivam verduras e frutas tropicais, enviando-as para Manaus via transporte fluvial, atravessando o Rio Negro. Em 1996, alguns colonos de Bela Vista compraram uma propriedade de Cachoeira Grande, no arredores de Manaus, cultivando legumes e frutas, como o mamão papaia.

Lá, instalaram posteriormente o Museu Natural do Amazonas, a Escola Japonesa e o Ikoi-no-sono, instituição de proteção aos idosos da colônia japonesa.

Existem também 25 famílias na colônia Efigênio Sales, iniciada em 1958, cultivando hortifrutigranjeiros para abastecer Manaus.

Frutas e legumes são ainda cultivados pelas 16 famílias japonesas da colônia Traze de setembro, em Porto Velho, Rondônia, iniciada em 1954. Até 1977 não havia luz elétrica nesta colônia e somente em 1981, a muito custo, foram instaladas as linhas telefônicas.

### **A COLÔNIA JAPONESA ATUAL**

Aproximadamente 1.300 japoneses e 3.000 descendentes residem na região na Amazônia Ocidental, convergindo-se principalmente em Manaus, no Amazonas. Há 24 empresas japonesas na Zona Franca de Manaus e sua venda total atinge cerca de US\$ 2,5 bilhões (1/4 do total) com 10 mil empregados (1/5 do total).

Nos dias atuais, a participação japonesa na Amazônia vem se consolidando no trinômio "capital-tecnologia-empresário". Uma nova forma de presença: a parceira com os brasileiros.

[ CAPA ] [ CULTURA ] [ IMIGRAÇÃO ] [ PESQUISA ] [ EDIÇÕES ]





## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



**Secretaria de  
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**